

## **Transposição didática externa da crônica narrativa humorística: a modelização do gênero como ferramenta do letramento escolar**

Transposition didactic external of chronic humoristic narrative: a genre modelling as school literacy tool

*Samandra de Andrade Corrêa\*, Eliana Merlin Deganutti de Barros\**

*\*Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)*

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar um recorte dos resultados de pesquisas realizadas para o projeto de pesquisa “Gêneros do jornal como objetos de transposição didática” (Universidade Estadual do Norte do Paraná) (UENP), inserido no Grupo (CNPq) DIALE – Diálogos linguísticos e ensino. A fundamentação teórica que norteia a pesquisa são os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), sobretudo na sua vertente didática. Nosso foco neste artigo é apresentar um modelo teórico (BARROS, 2014) do gênero Crônica Narrativa Humorística como uma ferramenta a ser usada em processos de transposição didática que tomem esse gênero como objeto de ensino da língua. Partimos da premissa de que a modelização é a primeira etapa desse processo, inserindo-se nos trabalhos da transposição didática externa.

**Palavras-chave:** Interacionismo Sociodiscursivo. Transposição Didática. Crônica Narrativa Humorística.

---

**Abstract:** The objective of this article is to present a part of conducted researches results for the research project "Gêneros do jornal como objetos de transposição didática" (UENP), inserted on the group (CNPq) DIALE - Diálogos linguísticos e ensino. The theoretical base that guides the research are the Sociodiscursive Interactionism Studies (ISD), especially in its didactic side. Our focus in this article is to present a theoretical model (BARROS, 2014) of the humoristic narrative chronicles genre as a tool to be used in didactic transposition processes that take this genre as language teaching object. We set off the premise that the modelization is the first step of this process, inserting itself on the external didactic transposition papers.

**Keywords:** Sociodiscursive Interactionism. Didactic Transposition. Humoristic narrative chronicles.

---

## Introdução

Este artigo traz resultados das pesquisas realizadas para o projeto de pesquisa “Gêneros do jornal como objetos de transposição didática”, pesquisas essas pautadas nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), sobretudo em sua vertente didática, a qual toma o gênero como ferramenta da transposição didática no contexto do ensino da língua. Para tanto, disponibiliza duas ferramentas: o modelo didático e a sequência didática de gêneros (SDG<sup>1</sup>); as quais direcionam as intervenções realizadas pelo subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – CAPES)<sup>2</sup> “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual” (Eixo: Gêneros Textuais). Dessa forma, articulamos dois projetos distintos: um projeto de ensino (PIBID) e um de pesquisa.

O objetivo deste trabalho é apresentar o *modelo teórico* (BARROS, 2014) da Crônica Narrativa Humorística, elaborado como primeira ferramenta para a transposição didática externa desse gênero no contexto do subprojeto PIBID.

O artigo está dividido nos seguintes tópicos: 1º) Jornalismo Cultural; 2º) Letramentos a partir da apropriação de gêneros textuais; 3º) O processo de modelização do objeto de ensino; 4º) O contexto da pesquisa de campo: a crônica como objeto de ensino no PIBID; 5º) O modelo teórico da Crônica Narrativa Humorística.

No tópico “Jornalismo Cultural” procuramos trazer uma noção sobre esse viés do jornalismo, tendo como respaldo estudos de jornalistas/estudiosos dessa área. É importante tomarmos consciência dessas divisões na esfera jornalística, pois elas são importantes quando se toma os gêneros do jornal como objetos do ensino da língua.

Já na segunda parte, abordamos o letramento na perspectiva dos gêneros textuais. Partimos da problemática que para o senso comum a leitura se resume apenas na decodificação dos signos linguísticos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN – BRASIL, 1998), o letramento está relacionado às diferentes práticas sociais, e isso se configura na apropriação de diferentes gêneros.

Já no tópico “O processo de modelização do objeto de ensino”, trazemos o processo de modelização de gêneros como uma ferramenta norteadora na elaboração de SDG. Ou seja, a partir de um modelo teórico/didático, o professor pode depreender as dimensões ensináveis

---

<sup>1</sup> Os pesquisadores denominam o procedimento apenas como “sequência didática”. Para nossa pesquisa, acrescentamos “de gêneros” para que não ocorra confusão com outros dispositivos didáticos utilizados de forma genérica

<sup>2</sup> Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro ao desenvolvimento desta pesquisa.

do gênero e selecionar o que é mais apropriado para um contexto específico de intervenção didática.

Em seguida apresentamos o contexto da nossa pesquisa de campo, a partir do tópico “O contexto da pesquisa de campo: a crônica como objeto de ensino no PIBID”.

No sexto tópico trazemos um modelo teórico da Crônica Narrativa Humorística, tendo como referência uma consulta bibliográfica aos especialistas do gênero e uma análise baseada em um *corpus* composto por três crônicas humorísticas de cronistas muito conhecidos. Primeiramente trazemos as recorrências contextuais, discursivas e linguístico-discursivas, para depois sintetizar a modelização numa representação esquemática feita a partir de uma das crônicas do *corpus*.

## 1 Jornalismo Cultural

Com os avanços tecnológicos e com a dinamicidade da sociedade atual, o jornalismo tem acompanhado essa evolução, no entanto, não perdeu seus principais adjetivos: efêmero, provisório, circunstancial (MELO, 1985).

A esfera Jornalística, pela sua natureza multidiscursiva, se relaciona com outras esferas como a esfera cultural/do entretenimento, gerando o fenômeno do Jornalismo Cultural. A conceituação de Jornalismo Cultural é muito complexa, pois o próprio jornalismo é algo dinâmico e que muda constantemente de acordo com a sociedade. “É, portanto, nas novas configurações sociais que devemos buscar justificativas para explicar o jornalismo cultural atual. Entendê-lo como espaço crítico da realidade artística, mas também de outras realidades.” (CONCEIÇÃO; SILVA, 2002, p. 2). Para as autoras, a dinâmica do Jornalismo Cultural na contemporaneidade justifica-se pela dinâmica da própria sociedade.

Para Gandini (2006), os Cadernos Culturais apresentam alguns parâmetros que norteiam sua produção. O estudioso denomina essa recorrência de marcas estruturais. “Pode-se falar, assim, em ‘marcas estruturais’ que tipificam as editoriais de cultura, independentemente da cidade, região, e dos valores de noticiabilidade ou regras (manuais) de edição setorializada.” (GADINI, 2006, p. 234). Os Cadernos Culturais diferenciam-se dos demais Cadernos na questão do trato da temática, pois mobilizam um conteúdo mais descontraído, no entanto, apresentam, assim como os demais, periodicidade, atualidade, universalidade, difusão e proximidade (GADINI, 2006).

De acordo com Barreto (2006), as antigas produções dos Cadernos Culturais apresentavam uma cultura diferenciada, isto é, um teor mais intelectualizado e o público mais seletivo. O Jornalismo Cultural contemporâneo procura atender uma diversidade de leitores e

temáticas, isso se torna simples para a compreensão, pois ao aumentar os temas nos Cadernos Culturais o Jornal consegue atingir um maior número de público leitor.

Há críticas em relação aos Cadernos Culturais, como a apresentada por Vargas (2004), segundo o qual a cultura se tornou um negócio no jornalismo. Para Barreto (2006), corre-se o risco de os Cadernos Culturais reproduzirem a arte como mercadoria.

Primeiramente, como a arte, na maioria das vezes, é encarada como mercadoria, os jornais simplesmente divulgam a informação, dando maior atenção a circuitos mais restritos, deixando, com isso, de ampliar a visão cultural do público brasileiro para outras formas de cultura. Em segundo lugar, o jornalista corre o risco de ser cooptado pelo marketing da indústria cultural, vale dizer, das grandes editoras, gravadoras e TVs. (BARRETO, 2006, p. 72).

De acordo com Conceição e Silva (2002), o Jornalismo Cultural tem se tornado um espaço para a propaganda de produtos culturais, deixando de lado o teor crítico que deu origem a ele. Para essas autoras, é por meio da crítica que ele cumpre sua função.

Entendemos que o jornalismo Cultural, além de informar e criticar, pode também entreter. Nessa perspectiva, o mercado tem investido fortemente, ou seja, os Cadernos Culturais passaram a veicular novos objetivos relacionados ao entretenimento. Além das temáticas voltadas para a literatura, teatro, artes plásticas e música erudita, citadas por Vargas (2004), o jornalismo cultural de hoje também aborda objetos relacionados ao cinema, novelas, histórias em quadrinhos, músicas e danças populares, ou seja, produtos culturais de massa, mais voltados para o “público comum”, para culturas não tão prestigiadas socialmente.

Analisando o Caderno *Folha 2* do Jornal *Folha de Londrina*, corpus de nossas pesquisas, o foco desse Caderno é voltado para o universo artístico e do entretenimento, trazendo matérias sobre produções fílmicas e literárias, programas televisivos, diferentes estilos musicais, entre outras, além de jogos, horóscopo e quadrinhos, com o intuito de informar, entreter e prestar serviços.

No que se refere ao ensino, consideramos o Jornal uma importante ferramenta para o professor de Língua Portuguesa que trabalha com a perspectiva dos gêneros textuais, devido à variedade de gêneros que aborda. Assim, os Cadernos Culturais podem auxiliar o professor no processo de *letramento* dos seus alunos, pois apresentam textos, ao mesmo tempo complexos e com temáticas mais próximas do universo dos alunos, configurando-se em uma ótima ferramenta didática.

## 2 Letramentos a partir da apropriação de gêneros textuais

Para nossa sociedade, ler e escrever são requisitos básicos que um indivíduo precisa ter para agir nas diversas situações de interação social. Isso porque, desde o momento em que um sujeito vai às compras até sua inserção no mundo trabalho ou do estudo ele está cercado pelas linguagens, sobretudo, a verbal.

Para que esse sujeito consiga fazer uso dessa linguagem é preciso, primeiramente, que ele saiba decodificar (nível da leitura) e codificar (nível da escrita) o código linguístico. A esse sujeito que sabe codificar e decodificar o código linguístico convencionou-se dar o nome de *alfabetizado*. No entanto, surge um questionamento: ser alfabetizado é suficiente para a nossa sociedade atual? Ou seja, será que basta apenas identificar os signos no nível alfabético e saber seu valor funcional como formadores de palavras e frases?

A sociedade de hoje apresenta uma dinâmica no trato com as informações que exige do sujeito capacidades para: negociar, criticar, reivindicar, etc. Mas, o desenvolvimento dessas capacidades não acontece apenas porque o cidadão sabe ler e escrever no sentido restrito. Para que isso aconteça é preciso que o sujeito seja letrado na prática na qual a linguagem está inserida. Ou seja, é necessário, entre outras coisas, que ele entenda o contexto social em que as produções linguageiras acontecem, que saiba adaptar sua fala a situações específicas de comunicação, que conheça os gêneros que instrumentalizam a interação. Portanto, ser alfabetizado é essencial, mas não é suficiente para o agir comunicativo em sociedade.

Segundo Soares (2004), em meados de 1980 surgem às discussões sobre letramento no Brasil e, assim, iniciam-se várias pesquisas nesse campo. Kleiman (2006) traz um conceito para letramento bastante divulgado nos documentos oficiais de educação: “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. *Letramento*, portanto, nesse sentido, não se refere aos usos da escrita apenas no ambiente escolar, mas em todas as situações da vida cotidiana. Street (1984), porém, já ampliava esse conceito ao considerar a relação entre o local e o global nas práticas da escrita. Nessa perspectiva, compreender a relação do homem com a escrita requer uma interface com o mundo social, cultural, ideológico e, portanto, uma noção de letramento no plural – letramentoS.

Os letramentos implicam saber usar as linguagens em diferentes situações de comunicação, ou seja, eles são sempre situados. Por isso é incoerente falar em graus de letramento, já que esse não é avaliado de uma forma geral, como uma capacidade genérica de ler e escrever textos (KLEIMAN, 2005). Ou seja, não é possível dizer que um sujeito tem um grau baixo de letramento. Podemos sim verificar que ele não é letrado ou pouco letrado

em uma prática específica de letramento. Por exemplo: um leitor assíduo de jornais pode não ser letrado na leitura de textos acadêmicos; isso ocorre porque a esfera acadêmica apresenta uma linguagem específica, com termos próprios da área, com uma formalidade que não é privilegiada pela esfera jornalística, a qual tem uma linguagem mais objetiva e concisa. Mesmo em situações semelhantes podem-se exigir estratégias de letramento diferenciadas, dependendo do contexto de produção: dos interactantes, do momento da produção, etc. “É devido a esse caráter situado das práticas de letramento que os usos da língua escrita fora da sala de aula são extremamente heterogêneos, variando segundo os participantes.” (KLEIMAN, 2005, p. 26).

Rojo (2012), ancorada no Grupo de Nova Londres, amplia esse conceito de letramentos múltiplos, trazendo a perspectiva dos *multiletramentos*:

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13 – grifos da autora).

Com base nessas perspectivas, compreendemos que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa nas escolas deve ser: tornar os alunos letrados em diferentes práticas de linguagem – valorizadas ou não. Nesse sentido, o aluno deve aprender a agir com/por meio dos instrumentos semióticos construídos sócio-historicamente pela sociedade, a saber, os gêneros textuais, tanto em contextos mais formais como informais de uso da língua. Isso porque, acreditamos que o letramento só é possível por meio da apropriação dos gêneros textuais. Partilhamos de uma perspectiva de que não é possível a escola desenvolver o letramento de “todos” os gêneros, até porque eles são ilimitados (MARCUSCHI, 2010), mudam e variam constantemente. A escola, como uma agência política do letramento, deve fazer uma seleção dos gêneros a ser ensinados, buscando, na medida do possível, uma perspectiva interdisciplinar. Evidentemente, nesse processo de seleção deve-se ter critérios de variabilidade de esferas, de mídias, de domínios discursivos, etc. Não podemos esquecer que o letramento é um processo contínuo, ou seja, sempre estamos nos letrando – dentro e fora da escola.

Na perspectiva que defendemos, a escola deve inserir o aluno em situações autênticas de uso da linguagem, em práticas de letramento que possibilitem a ele participar de diversas ações mediadas pela linguagem, nas mais diversas esferas sociais – do trabalho, cotidiana, escolar, do entretenimento, etc. –, instrumentalizado por repertórios consistentes de gêneros textuais.

Para que isso aconteça é preciso que o professor tenha a seu alcance metodologias que viabilizem a inserção do aluno em práticas letradas, essas sempre configuradas em gêneros textuais. Uma dessas metodologias é consubstanciada na ferramenta “sequência didática de gêneros” (SDG) criada pelos pesquisadores da universidade de Genebra para mediar o processo de transposição didática de gêneros textuais. Um dos pressupostos para que essa metodologia de ensino tenha êxito é que a transposição didática externa – passagem dos saberes teóricos aos saberes a ensinar – seja instrumentalizada por uma outra ferramenta: o modelo didático, no nosso caso, de um gênero de texto. É sobre essa etapa de modelização que nos detemos no próximo tópico.

### 3 O processo de modelização do objeto de ensino

Para a elaboração da SDG é preciso que se obtenha uma descrição das características discursivo-linguísticas, enunciativas e contextuais do gênero que serão focos do trabalho didático, a fim de adaptá-las às necessidades e objetivos do projeto de ensino, apontando, assim, as suas dimensões ensináveis – é o que o ISD chama de *modelo didático do gênero*. Segundo Barros (2014), o modelo didático pode ser visto, de início, como um *modelo teórico*, como uma descrição teórica do gênero, sem que se pense, de imediato, no contexto particular de ensino. “Sua construção não necessitaria levar em conta as capacidades de linguagem dos alunos nem particularidades do contexto de ensino.” (BARROS, 2014, p. 46). O modelo teórico, segunda a autora, seria o processo inicial da modelização didática.

O modelo didático de um gênero permite, para De Pietro e Schnewly (2014), que o professor elabore, para um mesmo público alvo, diversas atividades de ensino, assim como diversas SDG, para públicos diferentes. Mas qual seria o encaminhamento para a construção de um modelo didático?

Se considerarmos o modelo didático do gênero a ensinar como produto acabado, do ponto de vista de sua forma ou estrutura, ele em geral apresenta cinco componentes essenciais: 1) a definição geral do gênero; 2) os parâmetros do contexto comunicativo; 3) os conteúdos específicos;

4) a estrutura global; 5) as operações linguageiras e suas marcas linguísticas (PIETRO; SCHENEUWLY, 2014, p. 33).

Como vemos, para o processo de modelização, primeiramente, é preciso “desconstruir” o gênero, trazendo à tona suas marcas contextuais, discursivas, linguísticas, enunciativas, para que se possa, primeiramente, conhecer o objeto social de referência. É o que Barros (2014) tem chamado de *modelo teórico*.

Primeiramente, é preciso uma compreensão geral do gênero que será trabalhado, ou seja, a que esfera ele pertence, seu suporte de circulação, finalidade do texto, sua organização textual. Essa visão funcional do gênero irá auxiliar a percepção das marcas discursivo-linguísticas e enunciativas do gênero.

Para essa descrição, deve-se, primeiramente, buscar respaldo na bibliografia especializada, ou seja, nos especialistas do gênero. Isso faz com que se tenha um panorama geral do objeto estudado. Em seguida, o ISD sugere que se faça uma análise de um *corpus* textual representativo, isto é, que o gênero seja descrito empiricamente a partir de exemplares diversos coletados em suportes convencionais. Ao término dessa etapa temos o modelo teórico do objeto de referência. É um modelo que pode ser utilizado por pesquisadores e professores, em diversas situações de pesquisa ou ensino, já que tem um teor mais genérico, de cunho científico. Porém, esse modelo não pode ser tomado de forma rígida nem atemporal. Isso porque, os objetos sociais, no nosso caso, os gêneros, são passíveis de mudanças e variações, pois tanto refratam como refletem o meio histórico-social.

Após a modelização teórica, o gênero pode ser pensado como objeto de ensino. Para isso, é preciso levar em consideração o contexto de intervenção didática. Ele tem de ser um modelo coerente para a situação de ensino da qual será o mediador: por exemplo, um modelo de artigo de opinião que um sexto ano “x”, de uma escola “x”, em um contexto “x” possa se pautar para a produção textual (foco da SDG). Esse modelo deve explicitar as dimensões ensináveis do gênero para tal contexto, de modo que sirva como um parâmetro para o professor elaborar as atividades da SDG e desenvolver o processo de ensino e aprendizagem no qual ele será o eixo condutor.

Dessa forma, com o modelo didático, o educador tem uma visão geral do gênero e de suas dimensões ensináveis, dentro de um contexto específico. Assim, pode planificar a SDG, elaborando atividades e dispositivos didáticos que atuem em *solidarização* (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010), de forma a equilibrar o peso social e o didático em relação ao gênero como objeto de ensino. Além disso, entendemos que a elaboração de modelos dos objetos de ensino é um momento de grande aprendizado na formação do professor, pois é a etapa da transposição didática em que o objeto social de referência começa a se transformar em objeto de ensino – e desenvolver essa capacidade de descrever o objeto do ponto de vista

teórico e saber adaptá-lo a uma situação específica de ensino é de extrema importância para a formação docente.

## 4 O contexto da pesquisa de campo: a crônica como objeto de ensino no PIBID

A pesquisa em questão tem uma abordagem qualitativa, e parte da crença de que “não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes, [...] a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele não é um relator passivo, mas um agente ativo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32). Flik (2009) pontua que o objeto da pesquisa qualitativa é, ao invés de números, o texto (oral, escrito, multimodal): “o texto é o resultado da coleta de dados e o instrumento para a interpretação” (FLIK, 2004, p. 45). Como metodologia, nos valem da pesquisa-ação:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2009, p. 16).

Servindo-se das ações do subprojeto PIBID, a pesquisa busca resolver problemas voltados para a transposição didática de gêneros jornalísticos numa simbiose entre pesquisa-ação-pesquisa, a fim de dar subsídios para o processo de ensino da Língua Portuguesa no âmbito da Educação Básica Pública.

Durante etapa anterior da nossa pesquisa, foi feito um estudo da esfera jornalística e um inventário descritivo dos gêneros que compõem o *Caderno Folha 2*, da *Folha de Londrina*, com foco na análise do contexto de produção de tais gêneros. Na segunda etapa, foco deste artigo, nosso objetivo foi selecionar um gênero desse Caderno (inserido no chamado “Jornalismo Cultural”) para que fosse alvo de um processo de transposição didática, no contexto do subprojeto PIBID do qual somos participantes. Tal subprojeto foi desenvolvido em uma turma de 7º ano de uma escola pública de periferia, na cidade de Cornélio Procópio.

O gênero escolhido foi a crônica narrativa humorística. A seleção desse gênero ocorreu por três motivos: 1º) a professora regente não havia trabalhado com a crônica nessa turma; 2º) é um gênero que circula na esfera jornalística, assim os textos de alguns alunos seriam publicados no Jornal PIBID<sup>3</sup> que foi organizado de forma colaborativa entre os pibidianos; 3º) a crônica é um gênero que possibilita um trabalho com temas do cotidiano do aluno, a partir de uma linguagem mais informal.

O projeto PIBID em questão tem como foco a construção de um jornal escolar, tendo como metodologia de ensino a perspectiva didática do ISD, que traz como ferramenta a sequência didática de gêneros (SDG). A SDG da crônica narrativa humorística foi elaborada de forma colaborativa por pibidianos do subprojeto e desenvolvida no contexto de um 7º ano de uma escola pública do interior do Paraná.

Neste artigo, focamos na apresentação do modelo teórico do gênero Crônica Narrativa Humorística, feito para esta pesquisa, e utilizado como ferramenta na transposição didática empreendida pelo subprojeto PIBID.

## 5 O modelo teórico da Crônica Narrativa Humorística

O gênero textual focalizado no subprojeto PIBID foi a Crônica Narrativa Humorística, no entanto, não encontramos estudiosos que falam especificamente desse gênero no tom humorístico, mas da crônica de modo de geral. Assim, para efeitos de modelização teórica apresentamos, primeiramente, um estudo bibliográfico do gênero Crônica, sem entrar na modalidade privilegiada pela pesquisa. Em seguida, para completar o modelo teórico do gênero, trazemos uma análise do gênero Crônica narrativa Humorística, tomando como referência suas características contextuais e linguístico-discursivas, a partir do seguinte *corpus*: “Cobrança” de Moacyr Scliar, “O Homem Nu” de Fernando Sabino e “Padre Alfredo” de Luis Fernando Veríssimo.

Crônica não é um gênero fácil de definir, aliás, não sabemos nem se é possível falar em “definição”, pois é um gênero tão multifacetado que se torna difícil, em muitos casos, até sua identificação. Como diz Ivan Ângelo em “Sobre a Crônica”, não adianta quereremos dar um “formato” à crônica, pois ela não se define pela sua forma, como é o caso do soneto. “[...] é um gênero de texto tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles”

---

<sup>3</sup> O Jornal PIBID foi uma ação colaborativa entre todos os grupos que pertenciam ao EIXO 2: LÍNGUA PORTUGUESA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS. Algumas produções finais dos alunos após um processo de reescrita foram publicados no JORNAL PIBID.

(LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p. 20).

Em especial as crônicas narrativas são muito confundidas com os contos, pela sua brevidade e concisão na maneira de contar o enredo. Para Sá (1985), os limites entre um e outro gênero são muito fluidos. Segundo o autor, é a densidade que melhor caracteriza a diferença entre ambos: no conto, o escritor trabalha esteticamente seu texto à procura de um aprofundamento do perfil dos personagens, do tempo e do espaço da narrativa; na crônica, não há esse aprofundamento, fica-se mais na superficialidade, como se a escrita acontecesse ao acaso, o que dá certa leveza textual. Mas, como ressalta Sá (1985), esse acaso é proposital, e é essa sutileza que torna a crônica um gênero tão único.

Além disso, a crônica tem outras especificidades, pois, se assim não fosse não poderíamos nomeá-la frente a tantos outros gêneros. Uma diferença crucial diz respeito a seu contexto de produção. Ela nasce sempre na esfera jornalística, por isso sofre as coerções desse campo: concisão, adequação a um público mais dinâmico e que não tem muito tempo para se dedicar a leituras mais aprofundadas, cumprimento de demandas (o cronista que é, quase sempre, colunista do jornal, normalmente, tem uma periodicidade para entregar seus textos e por isso certa limitação para selecionar seus temas), etc.

[...] os cronistas desenvolvem com as empresas jornalísticas uma relação particularizada. Estão em jogo contratos, cláusulas, prazos que não devem ser confundidos com o que rege o envolvimento dos escritores com as editoras. Não só os textos são mais curtos em extensão, em comparação com um livro de contos ou com um romance, mas também é exíguo o tempo que dispõe o escritor para escrevê-los e encaminhá-los (SIMON, 2011, p. 23).

Mas a crônica, pode, dependendo do seu *status* atemporal e estético, migrar para um contexto literário e compor coletâneas ou *sites* da internet com caráter literário. As crônicas literárias, diferentemente, então, das fundamentalmente jornalísticas (marcadas temporalmente), “tem longa duração e é sempre apreciada pelo estilo de quem a escreve e pelo tema abordado” (LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p.21). Por essa razão dizemos que esse gênero tem, muitas vezes, uma duplicidade de identidade: ora jornalística ora literária. Simon (2011) diz que a crônica está, na verdade, num espaço intermediário.

No entanto, podemos questionar o que dá a crônica certa singularidade? Podemos dizer que é como o gênero incorpora fatos aparentemente insignificantes do cotidiano e dá a eles uma notoriedade particular. É o pequeno que se torna grande pelo trabalho do cronista com a linguagem. É como se ele fotografasse o cotidiano pelas suas lentes sempre atentas e perceptíveis ao que singular. Mas essa fotografia deve partir sempre da leveza, da

informalidade, às vezes da irreverência (SIMON, 2011). Ou seja, a crônica, por mais séria que seja a temática, consegue imprimir esse ar de leveza e “descontrair” o leitor. Ivan Ângelo, em sua metacrônica “Sobre a Crônica”, diz que não cabem nesse gênero a grandiloquência, o sectarismo, a enrolação, a arrogância, a prolixidade. É justamente o retrato do cotidiano de forma tão singular que imprime uma “marca registrada” na crônica.

Esse retrato pode se manifestar de diversas maneiras, imprimir diversos tons: um tom reflexivo (como ocorre na maioria das crônicas publicadas no Caderno Folha 2 do Jornal *Folha de Londrina*<sup>4</sup>) um tom humorístico, poético, entre outros.

A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em um tom desprezioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido. Nossas crônicas são bastantes diferentes daquelas que circulam em jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país. (LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p. 21).

Como vemos, as autoras citadas dão à crônica brasileira certa singularidade, diferenciando-a do contexto internacional. É como se aqui esse gênero encontrasse uma nova identidade, mais próxima dos seus leitores. Melo (1985), um estudioso da comunicação social, também ressalta essa identidade diferenciada. Para o autor, a crônica se aclimatou no Brasil, e adquiriu características próprias, diferentemente das crônicas dos outros países. É um gênero que o cronista tem a liberdade para retratar os fatos do cotidiano de maneira sutil.

Resumidamente, a crônica: traz sempre um título conciso, mas que serve de chamariz para a leitura; é um texto autoral; comenta/narra fatos do cotidiano; é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura – nasce como jornalístico, podendo ser incorporado à esfera literária (FARIA; ZANCHETTA Jr, 2007, p. 65).

O Quadro 1 traz o modelo teórico (BARROS, 2014) da Crônica Narrativa Humorística, construído para esta pesquisa com base num *corpus* textual descrito na Seção 5, a partir das três capacidades de linguagem apontadas pelo do ISD: *de ação* (características contextuais), *discursivas e linguístico-discursivas*.

---

<sup>4</sup> Jornal tomado como referência, pois foi fonte de pesquisa em Corrêa e Barros (2015) e material de apoio durante as intervenções do subprojeto PIBID – a escola fez parceria com o jornal devido ao Programa Folha Cidadania.

**Quadro 1** – Modelo Teórico da Crônica Narrativa Humorística: capacidades de ação

<b>Características Contextuais</b>
<p>Prática social (contexto do jornal/revista): prática de escrita/leitura de crônicas para/nos jornais/revistas – tanto pode ser o cronista profissional, que possui uma coluna fixa no jornal, como o leitor que se coloca no papel de cronista (caso o jornal/revista tenha uma seção para esse fim).</p> <p>Prática social (contexto literário): prática de migração de crônicas escritas para o jornal para coletâneas específicas (do próprio autor ou de vários autores) ou sites literários. Essas crônicas migram, então, da esfera jornalística para a literária. A prática de leitura torna-se outra, pois não está mais condicionada à brevidade e efemeridade do jornal. Agora ela passa a fazer parte de uma prática condicionada ao mundo estético-literário.</p>
<p>Gênero escrito, publicado diariamente ou semanalmente, dependendo da organização do jornal/revista. Além disso, pode ser republicado em coletâneas literárias ou sites destinados a esse fim.</p>
<p>A pessoa física que escreve esse texto assume o papel social de cronista, cujo objetivo é narrar, de forma humorística, acontecimentos atuais do cotidiano. O papel social assumido é sempre de alguém que parece ver o mundo de uma forma particular, que parece revelar sentidos em fatos aparentemente insignificantes do dia a dia, sempre com um tom humorístico. Esse humor pode ser mais “escachado”, mas sutil, irônico. Não pode ser confundido com um texto piadista, uma simples anedota. A representação de quem se coloca num papel de cronista é sempre de alguém capaz de ver com olhos atentos e apurados o que os outros parecem não ver.</p>
<p>O destinatário desse gênero se encontra num universo heterogêneo. Podem ser os leitores (assíduos ou esporádicos) de jornais/revistas, de coletâneas de crônicas, de <i>sites</i> literários (às vezes do próprio cronista), aqueles que gostam de ler textos desse gênero, leitores que se identificam com a escrita de um certo cronista (leitores seletivos), leitores que se deparam com esses textos na sua leitura diária do jornal. Normalmente, há leitores específicos para esse tipo de crônica, que buscam nessa leitura um momento de fruição e de descontração, pelo viés literário. Na atualidade, a crônica humorística vem recebendo a adesão de um público bastante considerável, fato são os números expressivos de venda das coletâneas de Luiz Fernando Veríssimo (ver SIMON, 2011) – cronista consagrado nesse tipo de crônica.</p>
<p>É um gênero que circula na esfera jornalística como também na literária.</p>
<p>O conteúdo temático: temas do cotidiano, com tom humorístico.</p> <p>São textos, muitas vezes, não valorizados pela literatura mais erudita.</p>
<p>O propósito comunicativo gira em torno da fruição, de uma leitura mais descompromissada, mas sem deixar de ser instigante, refletiva...</p>

**Fonte:** As autoras

**Quadro 2** – Modelo Teórico da Crônica Narrativa Humorística: capacidades discursivas

Características discursivas
Gênero em prosa, da ordem do narrar. Com predominância de sequências narrativas, descritivas e dialogais.
O narrar é sempre ficcional, mesmo quando o narrador é em primeira pessoa e simula um relato de acontecimentos vividos. É um gênero que admite qualquer foco narrativo. Como ancora-se, quase sempre, no discurso mais informal (informalidade não significa aqui necessariamente descumprimento da norma culta da língua), é comum o foco na primeira pessoa. A primeira pessoa faz com que o discurso consiga uma proximidade mais íntima do leitor e, com isso, o “contrato” de produção de humor firmado com o leitor se torna mais coerente.
A narrativa se organiza em ações que levam ao humor. Esse humor pode ser deflagrado por várias estratégias discursivas, como a quebra de expectativas ou a exploração de estereótipos. O humor da crônica não é o mesmo das piadas; é um humor sutil, mais leve, sem exageros. A intenção é apenas fazer com que o leitor veja um outro lado dos fatos do dia a dia, de uma forma descontraída.
Há sempre um título, colocado no início do texto. É sempre conciso. Esse título serve para chamar a atenção do leitor para a leitura. Pode clarear o tema, mas pode também ser enigmático, fazendo com que o leitor descubra esse “enigma” na própria leitura.
É um texto sempre assinado, autoral.
É um gênero que normalmente só apresenta a linguagem verbal. Entretanto, o texto da crônica pode ser acompanhado por imagens, tanto no jornal como nas coletâneas, sendo esse procedimento mais comum nas coletâneas.
A informalidade é marca registrada desse gênero. Ela pode ser conseguida por diversas estratégias discursivas. A mais utilizada é a aproximação da escrita com a oralidade. Muitas vezes, parece que o cronista está do lado do leitor contando aquela história.

**Fonte:** As autoras

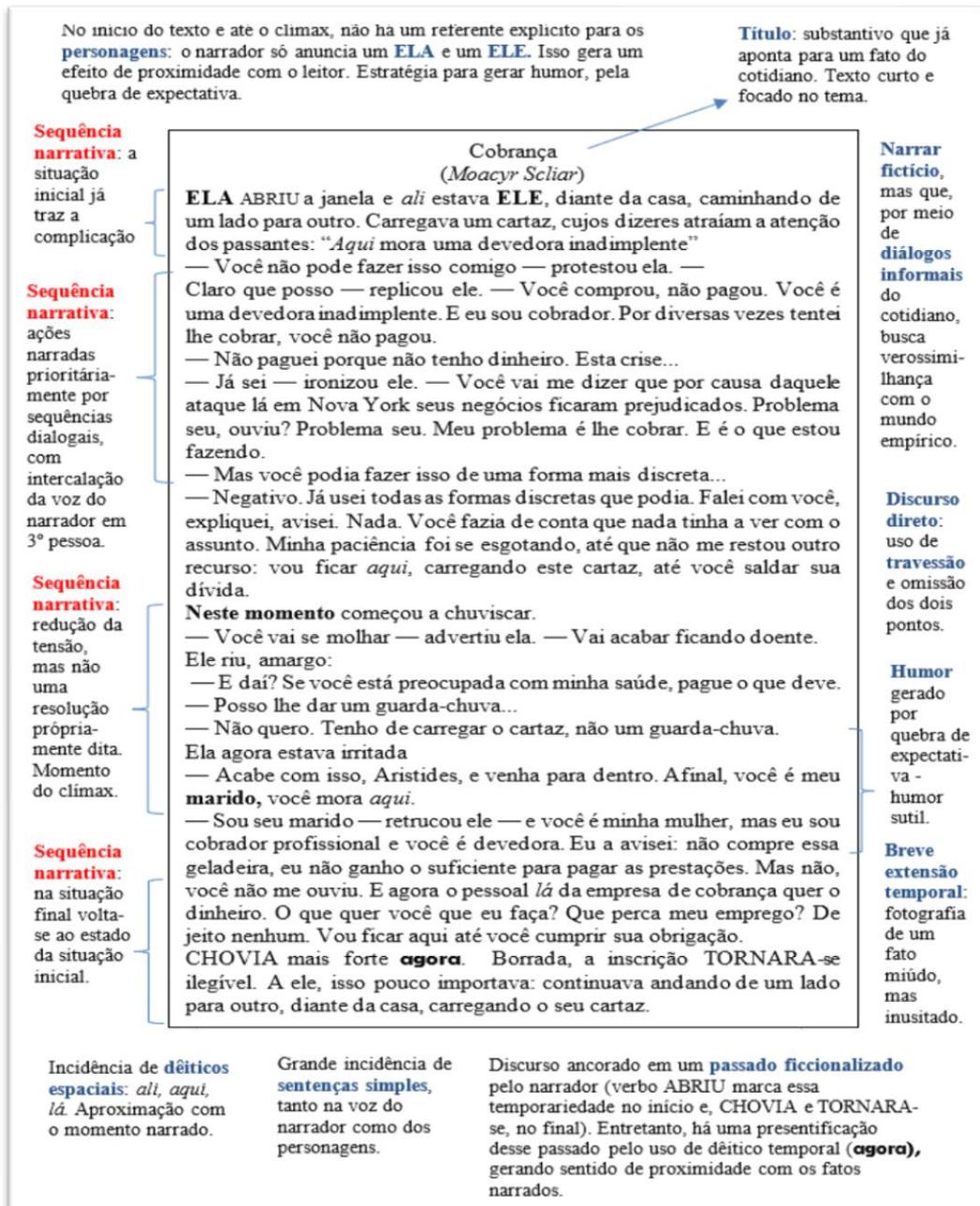
**Quadro 3** – Modelo Teórico da Crônica Narrativa Humorística: capacidades linguístico-discursivas

Características linguístico-discursivas
Nesse gênero são frequentes as retomadas textuais através de anáforas nominais e pronominais, e o uso de conectivos espaciais e temporais. O que não invalida a existência de outros recursos coesivos.
Escrito em 1ª ou 3ª pessoa, tendo como tempo de base o pretérito (perfeito ou imperfeito). Evidentemente, quando a crônica é escrita somente (ou predominantemente) em forma de diálogos, o pretérito está subentendido, já que sabemos que tem um narrador contando aquela história, mesmo que sua voz não apareça explicitamente. No caso das sequências dialogais, o tempo presente é o que normalmente ancora o discurso (discurso esse encaixado numa discursividade maior do narrar). Os diálogos representam sempre a inserção explícita de vozes de personagens no discurso do narrar. Essas vozes podem também se manifestar por meio do discurso indireto ou indireto livre.
As vozes sociais também aparecem no gênero, quase sempre de forma implícita. Nas crônicas com um humor irônico essa característica é mais marcante.
A linguagem privilegiada é normalmente a mais informal, retratando situações corriqueiras do cotidiano, sempre com uma dose de humor. A escolha lexical privilegia substantivos concretos e verbos de ação. Dependendo da crônica, os adjetivos e advérbios também ganham destaque.
Há mobilização tanto do discurso direto como indireto. Tudo vai depender do estilo do cronista ou da sua intenção discursiva. Há crônicas que são constituídas unicamente por diálogos, deixando implícita a voz do narrador. É como se o cronista parasse perto dos protagonistas da ação narrativa que quer colocar em evidência e gravasse a conversa para depois nos mostrar.
No caso da utilização do discurso indireto, pode-se lançar mão do uso de travessão e dois pontos. Entretanto, a opção do cronista pode ser marcar o discurso direto com aspas.
É um gênero que possibilita a mobilização de pontos de interrogação, exclamação, reticências.

**Fonte:** As autoras

A partir dessa modelização teórica, baseada no levantamento de estudos de *experts* do gênero, assim como na análise de um *corpus* textual, trazemos, para fins de visualização didática, um esquema que mostra uma síntese das características desse gênero que foram modelizadas, tomando como referência a crônica “Cobrança” de Moacir Scliar. Esse texto também foi selecionado como norteador da nossa modelização didática, por conta da forma como ele trabalha discursivamente o tom humorístico – apresenta um humor sutil que buscávamos para o trabalho didático com esse gênero – e por representar um modelo linguisticamente adequado aos propósitos do nosso projeto de ensino.

Figura 1 – Esquema sintético da Crônica Narrativa Humorística



Fonte: As autoras

Nessa síntese, procuramos apresentar de forma geral alguns aspectos importantes da funcionalidade da Crônica Narrativa Humorística, trazendo, evidentemente, certas particularidades do texto analisado.

## Considerações Finais

Este trabalho aborda uma problemática bastante atual: a questão da transposição didática dos gêneros para o contexto do ensino da Língua Portuguesa. O foco aqui são os trabalhos desenvolvidos pelo ISD na chamada “engenharia didática”.

Trazemos neste artigo uma nova perspectiva para o trabalho com a transposição didática externa, pois entendemos que, antes da modelização didática propriamente dita – assim como conceituada pelos pesquisadores genebrinos –, há uma etapa teórica de descrição do objeto a ser ensinado. A modelização teórica é de suma importância nesse processo de didatização, pois é preciso, antes de pensar nas adaptações para o contexto de intervenção, poder visualizar o objeto de referência, assim como ele funciona socialmente. Para isso, seguimos o método adotado pelo ISD: 1) busca por referências sociais e bibliográficas sobre o gênero; 2) análise de um *corpus* textual representativo com base nas três capacidades de linguagem que precisam ser mobilizadas pelo agente-produtor ao empreender uma ação de linguagem.

Foi seguindo essa metodologia que construímos, e apresentamos neste artigo, um modelo teórico da Crônica Narrativa Humorística, gênero unificador de um processo de transposição didática proposto e desenvolvido pelo subprojeto PIBID de Língua Portuguesa do qual somos participantes (projeto que finaliza todos os anos com a produção de um jornal escolar). Enfatizamos que esse é “um” modelo e não “o” modelo, pois partimos da premissa de que somos participantes ativos da pesquisa e não meros coletores e analisadores de dados, assim, todas as nossas escolhas, experiências, leituras, etc. perpassam os resultados. Além disso, a língua e seus artefatos são instâncias sempre em movimento, variando de contexto para contexto e mudando no decorrer da história. Dessa forma, o modelo que produzimos hoje pode não ser mais o de amanhã. Entretanto, com todas essas ressalvas naturais no contexto do tipo de pesquisa que realizamos, podemos dizer que a ferramenta aqui apresentada pode servir de parâmetro para a elaboração de inúmeros modelos didáticos da Crônica Narrativa Humorística, assim como de materiais didáticos diversos que coloquem tal gênero em evidência – seja na perspectiva da metodologia das sequências didáticas do ISD ou em outra que tome o gênero como objeto/ferramenta de ensino.

Gostaríamos de ressaltar também, embora esse não tenha sido o foco principal deste texto, a relevância de se trabalhar com o jornal em sala de aula de Língua Portuguesa. Ele é

uma importante ferramenta para o ensino quando se está ancorado na perspectiva dos *letramentos múltiplos*: a sua variedade de gêneros e temáticas dá ao professor a oportunidade de desenvolver diversos dispositivos didáticos para o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade de modo a dar significação ao aprendizado do aluno.

Esperamos, assim, que esse recorte da nossa pesquisa maior com gêneros do jornal possa auxiliar professores de Língua Portuguesa e pesquisadores que estão comprometidos com o letramento para a cidadania e para o crescimento individual e social dos nossos alunos.

## Referências

BARRETO, Ivana, As realidades do Jornalismo Cultural. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2. jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.contemporanea.uerj.br/antiores/index07.html>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti. As reconcepções do trabalho docente no processo da transposição didática de gêneros. In:\_\_\_\_\_. *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas: Pontes, 2014, p. 41-68.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. O Letramento como atividade de apropriação de gêneros textuais. *Raído*, Dourados, v. 5, n. 9, jan./jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da; SILVA, Andréia de Lima. Jornalismo Cultural: em busca de um conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3, 2007, Santos. *Anais: Intercom*, 2002, p.1-15.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA Jr, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

\_\_\_\_\_. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GANDINI, Sérgio Luiz. Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais principais características do Jornalismo Cultural nos diários brasileiros. *Fronteiras estudos midiáticos*, Rio Grande do Sul, v.8, n.3, set/dez.2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6138>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* UNICAMP, 2005. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 9. reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. *A ocasião faz o escritor: caderno do professor (orientação para produção de textos)*. São Paulo: CENPEC, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidades. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BERZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PIETRO, Jean-François; SCHNEUWLY Bernard. O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 27-53.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas desprentensiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. n. 25, jan./abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413247820040001002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413247820040001002)>. Acesso em: 10 abr. 2015.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: CUP, 1984.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17 ed. São Paulo: Cortez. 2009.

VARGAS, Herom. Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. *Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*, São Bernardo do Campo (SP), ano 2, n. 4, dezembro de 2004.

#### **SAMANDRA DE ANDRADE CORRÊA**

Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Desenvolveu pesquisas de Iniciação Científica durante os quatro anos da graduação (Bolsista do CNPq e Fundação Araucária). Atualmente desenvolve pesquisas como colaboradora externa do Grupo de Pesquisa DIALE (CNPq/UENP). CV: <http://lattes.cnpq.br/9876858133027030>. E-mail: [samandra.andrade@hotmail.com](mailto:samandra.andrade@hotmail.com).

#### **ELIANA MERLIN DEGANUTTI DE BARROS**

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Docente do curso de Letras Português/Inglês e do Mestrado Profissional em Letras em rede (PROFLETRAS). Líder do grupo de pesquisa DIALE - Diálogos Linguísticos e Ensino (CNPq/UENP). Tem como foco, sobretudo, pesquisas sobre o ensino/aprendizagem da língua portuguesa e a formação de professores. CV: <http://lattes.cnpq.br/0263644351545918>. E-mail: [edeganutti@hotmail.com](mailto:edeganutti@hotmail.com).